

## **Resenha**

### *Maimônides – construtor de pontes*

MAIMÔNIDES. 2003. *O guia dos perplexos: Parte 2*. Tradução de Uri Lam. São Paulo; Landy. ISBN 85-7629-004-9.

Esta é a primeira versão do *Guia dos perplexos* para a língua portuguesa. Trata-se de uma tradução integral e direta do hebraico realizada por Uri Lam. Faz parte do projeto de publicação integral do *Guia dos perplexos* pela Editora Landy, com as Partes 1 e 3 a serem publicadas em breve, para integrar as comemorações pelos 800 anos da morte de Maimônides, acontecida no velho Cairo em 1204.

### *Do autor*

No dizer do próprio tradutor, Maimônides teve por meta estabelecer uma relação inteligível entre a sabedoria judaica e a filosofia clássica grega através de uma espécie de *diálogo* entre os discursos dos *Sábios*, por um lado, e os de Aristóteles (considerado por Maimônides “o Príncipe dos Filósofos”), incluindo os Peripatéticos em geral, por outro. Maimônides entende e interpreta a tradição bíblica e rabínica do judaísmo como uma raiz explícita de uma verdade filosófica. A importância de Maimônides como filósofo não reside na qualidade das respostas dadas aos problemas específicos, mas sobretudo na maneira de formular as questões e na metodologia para enfrentá-las. A certeza de uma única verdade, independente do modo como a ela se aceda, será a marca deixada por Maimônides na bai-

xa Idade Média, não só na tradição judaica e muçulmana, mas sobretudo na cristã.

Maimônides é um cruzamento de caminhos que, através dum espírito crítico-reflexivo, conduz em direção à combinação de ortodoxia e heterodoxia, de fidelidade e transgressão. Como judeu andaluz, estava em contato com as três tradições teológicas monoteístas, a judaica, a siríaca e a cristã, e atento à complexidade histórica das suas relações com a filosofia grega, siríaca e árabe.

Suas indagações médicas, teológicas, filosóficas, suas leituras dos poetas árabes confluíram numa obra que atravessou tempo e tradições. Ele soube compor, com singular sabedoria, um único tecido com a escritura aristotélica lida nas traduções árabes e a interpretação da Toráh e do Talmud vigentes no seu tempo. Das sutilezas da sua erudição, que foi forjada na leitura dos manuscritos guardados na fantástica biblioteca de Córdoba, Maimônides extraiu argumentos que tramaram fé e razão, as narrações do Gênese com a Física de Aristóteles.

### *Do texto*

O *Guia dos perplexos*, escrito originalmente em árabe e traduzido posteriormente pelo próprio autor ao hebraico, teve versões em latim já no século XIII, pois a obra era conhecida de Alberto Magno e Tomás de Aquino. Este último se refere a Maimônides como “o sábio judeu”. Na língua espanhola há uma tradução de 1419.

O texto visa guiar um estudante perplexo diante da ininteligibilidade das Escrituras. Maimônides se propõe não somente dar respostas a preocupações teóricas específicas, mas principalmente guiar o perplexo na vivência da sua vida como um todo, e não apenas na sua vida religiosa. O *Guia* leva o jovem interlocutor, perplexo diante da aparente ininteligibilidade da sua tradição religiosa e modo de vida, a se mover de um estado de aporia para outro no qual se revela a inteligibilidade da tradição e é superada a dicotomia entre razão e fé.

Dirá ele que tem dois propósitos nesta empresa lite-

rária: por um lado, explicar o verdadeiro sentido dos termos que se encontram nos livros proféticos, desde uma perspectiva filosófica, ao homem religioso, que crê com sinceridade na verdade da Lei mosaica, e que, dirá ele, “tendo-o atraído e guiado a razão humana aos seus domínios, está desorientado pelo sentido exterior das palavras da Lei... o qual lhe traz perplexidade.”<sup>1</sup> Supõe um interlocutor agitado e perplexo diante do sentimento de estar rejeitando os fundamentos da sua fé ao se deixar levar pelas orientações da razão, ou aquele que se sente impelido a se ater à superficialidade dos conceitos recebidos pela tradição abandonando os chamados da razão e sofrendo, por isto, “dor e perturbação violentas”. Por outro lado, tem como propósito prover ferramentas ao crente para que possa encontrar o sentido esotérico, escondido, que salvará da perplexidade que provoca, ao homem verdadeiramente instruído, a superfície das alegorias proféticas.

Encontramos neste duplo propósito as duas características que atravessam qualquer trabalho filosófico em qualquer tempo: esclarecer conceitos e identificar sentidos.

O desejo de Maimônides é o de defender o uso da filosofia para explicar as Escrituras, não no sentido de uma teologia, que é uma racionalização dos dados revelados, mas a favor dos argumentos, não importando aonde estes possam levá-lo.

Tão seguro está da fundamentação filosófica das Escrituras, que mesmo as próprias posições de Aristóteles acerca da eternidade do mundo devem ser avaliadas desapaixonada e filosoficamente. Se consegue demonstrar a crença aristotélica da eternidade do mundo, aí sim adere a ela. Ele está convencido de que deve avaliar todos e cada um dos argumentos por seus próprios méritos filosóficos, para corroborar depois a verdade nas próprias Escrituras. Esta abertura filosófica é evidente também em outros textos seus anteriores, como *Os oito capítulos*, em que diz que os argumentos apresentados não são inventos seus, mas palavras de sabedoria do Talmud, “assim como do trabalho dos filósofos,

---

<sup>1</sup> *Guia de perplejos*, Introducción.

antigos e recentes, e também do trabalho de outros autores, dado que devemos aceitar a verdade independentemente da fonte da qual procede.” Certamente está-se referindo a Aristóteles e à sua fonte árabe Al-Kindi.

Encontramos nesta segunda parte do *Guia dos perplexos*, composta de 48 capítulos, o tratamento dado a quatro temas da maior relevância filosófica para a Idade Média. O primeiro deles, tratado no primeiro capítulo, é o que corresponde às provas da existência de Deus. Ele retoma os quatro argumentos aristotélicos para provar a existência, incorporeidade e unidade da Primeira Causa. A estes Maimônides acrescenta dois argumentos relativos à *unicidade* de Deus, da qual se depreende a *incorporeidade*, dado que todo corpo é formado de ao menos duas partes. Assim pretende ter demonstrado que Deus é *um* e *incorpóreo*.

O segundo conjunto de capítulos, que vai do 2 ao 12, se refere às *Esferas celestes* e às *inteligências puras ou separadas*. Neles Maimônides se refere ao Universo, do qual a terra é o centro, dizendo que ele é vivo e orgânico. Qualquer mudança na Terra é causada por uma seqüência constante de influências que fluem desde deus, passando por quatro esferas: dos astros fixos, dos planetas, do sol e da lua. A divisão das esferas em quatro é tida como uma das originalidades de Maimônides. Um verdadeiro tratado sobre a hierarquia ou uma metafísica do poder.

O terceiro grande tema é o da Eternidade do Mundo, desenvolvido nos capítulos 13 a 31. Maimônides não está interessado em disputar com Aristóteles a respeito da verdade da sua teoria nem demonstrar o contrário. A grande estratégia dele é a de demonstrar que “a teoria da Criação é uma possibilidade”, de um ponto de vista filosófico, “tão viável quanto” a teoria da Eternidade do Universo; a partir disto, buscará comprovar que a teoria que supõe a criação é a mais provável.

O quarto e último conjunto de capítulos, do 32 ao 48, recebeu o título de *Sobre a profecia*. Aqui ele trata das diferentes fontes da verdade: a autoridade, o poder e, sobretudo, a Lei divina, natural e convencional. A originalida-

de de Maimônides neste aspecto é a de preservar o indivíduo e o bem-estar social diante das Leis, sejam elas reveladas ou civis, através do uso da razão como antídoto ao autoritarismo e ao fundamentalismo. Ele propõe a crítica racional para relativizar a literalidade de antigas leis, tomadas por alguns como pétreas, em benefício da vida das pessoas no contexto das épocas e lugares em que vivem.

### *Do tradutor*

Pouco sabemos de Uri Lam, o tradutor e introdutor desta segunda parte do *Guia dos perplexos*, a não ser que este trabalho faz parte da sua pesquisa de mestrado, cujo orientador é Luiz Paulo Rouanet. Um experto em cultura hebraica, como é o professor José Luiz Goldfarb, autor do prefácio, adjectiva a tradução como “brilhante e precisa”; realmente uma erudita e importante contribuição filosófica num trabalho de mestrado.

Mesmo não sendo muito comum em resenhas, me atrevo a oferecer ao leitor um pouco da mais recente e qualificada bibliografia acerca do autor.

- MAIMONIDES, 2001. *M. Guia de descarriados*. Madrid, Trotta.
- DOBBS-WEINSTEIN, I. 2003. Jewish Philosophy. In: A.S. MCGRADY (ed.), *The Cambridge Companion to Medieval Philosophy*. Cambridge, Cambridge University.
- FRANK, D. H., 2003. Maimonides and the Medieval Jewish Aristotelianism. In: D.H. FRANK e O. LEAMAN (eds.), *The Cambridge Companion to Medieval Jewish Philosophy*, Cambridge, Cambridge University.
- IRVY, 2003. Moses Maimonides. In: J. JORGE; J. E. GRACIA e T. B. NOONE (eds.), *A Companion to Philosophy in the Middle Ages*, Oxford, Blackwell.
- BRAGUE, R., 2003. Maimonides – A Bíblia como filosofia. In: T. KOBUSCH (org.), *Filósofos da Idade Média*, São Leopoldo, UNISINOS.
- SIRAT, C., 2003. Jewish Philosophy. In: J. MARENBOON (ed.), *Medieval Philosophy*. London, Routledge.

247

Alfredo Culleton  
Professor de Filosofia da UNISINOS